

***RESENHA***

HUSTON, Nancy. *Reine duréel. Lettre à Grisélidis Réal*. Paris: Éditions du Nil, 2022.

**Nubia Hanciau**

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

nubiajh@gmail.com

“Para mim, a ‘ficção’ e a ‘realidade’  
são indissociáveis.  
Formam apenas um, um único  
universo, um jardim das Delícias,  
um Jardim dos Tormentos, estão  
entrelaçados.  
Para mim, a realidade É a ficção,  
e a ficção É real.  
Sou louca, sem dúvida? Sou  
Identificada com TUDO!  
Sou perpetuamente expansível, habitada, representada.  
Não me pertenço.”<sup>1</sup>

“E nós não somos nada, apenas  
vagas pequenas gotas  
de geada consciente, o que é  
enorme e frágil.”<sup>2</sup>

Os versos acima são de Grisélidis Réal, mas poderiam perfeitamente ser de Nancy Huston, pois levam o leitor diretamente ao seu ensaio *L’espèce fabulatrice / A espécie fabuladora* (2008-2010), “livro imperdível”, segundo Luís Augusto Fischer, indagação sobre a força da literatura enquanto marca da natureza humana. Não somos uma pessoa só, a vida tem sentidos infinitamente múltiplos e variados, todos aqueles que lhes conferimos.

Com esses dois poemas-prosa de abertura a autora canadense apresenta sua nova coletânea de ensaios epistolares, *Reine du réel. Lettre à Grisélidis Réal* (2022)<sup>3</sup>, obra surpreendente, que recobre os escritos desde os treze anos de idade da precoce poeta suíça nomeada no título, e termina com os seus últimos textos, à beira da morte. Por meio de elipses e períodos de silêncio, a linha de vida de Grisélidis revela o quanto sua escrita poética teve que ser arrancada de um cotidiano de luta, minado pelos horrores da profissão tabu – prostituta – dessa que hoje é considerada grande artista, poeta, pintora, distante das polêmicas e dogmas da luta feminista. Mais do que isso, essa mulher,

<sup>1</sup> “Pour moi la ‘fiction’ et le ‘réel’ sont indissociables. Ils ne forment qu’un, un seul univers, un jardin des Délices, un jardin des Supplices, ils sont entremêlés. Pour moi, le réel EST la fiction, et la fiction EST réelle. Sans doute suis-je folle? Je suis identifiée à TOUT! Je suis perpétuellement extensible, habitée, imagée. Je ne m’appartiens pas” (HUSTON, 2022, p. 9). As traduções do francês são de minha autoria.

<sup>2</sup> “Et nous n’est rien, sinon de vagues petites gouttes de gelée consciente, ce qui est énorme et fragile” (HUSTON, 2022, p. 9).

<sup>3</sup> Em português, *Rainha do real. Carta a Grisélidis Réal*.

cujo percurso público iniciado nas piores circunstâncias imagináveis, figura das sombras, caminha em direção a um destino que evolui para a beleza e a luz.

À medida que avançamos na leitura percebemos que há matéria de sobra para um romance. Desperta então a curiosidade a respeito do gênero epistolar. Por que a carta? Em entrevista<sup>4</sup> a autora esclarece que a escolha se deve ao convite da editora Emmanuelle Dugain-Delacomptée, da NiL éditions, para que escrevesse para a coleção “Les Affranchis” a carta que nunca escrevera antes<sup>5</sup>, proposta aceita e justificada: Grisélidis, desconhecida de toda uma geração de jovens franceses –entre os trinta e quarenta anos, na qual se encontram seus filhos–, deveria ser trazida ao centro da cena para reabrir o importante e complexo debate entre feminismo e prostituição (p&p), mundo que acontece longe da literatura. Em *Mosaïque de la pornographie* (1982-2004), Nancy Huston, que já escrevera várias vezes sobre a prostituição, alterna a análise de obras pornográficas às memórias de Marie-Thérèse para denunciar a hipocrisia – ou a inconsciência – e pergunta-se: terão as mulheres que escolher sempre entre as figuras ancestrais da mãe ou da prostituta? Para ela, esse é um debate cheio de contradições, caricatural dos dois lados: as feministas vêem as prostitutas como alienadas, escravizadas, submissas a todo tipo de humilhação, enquanto para as prostitutas as feministas são abolicionistas primárias. O face a face epistolar libera a autora. É a forma ideal, praticada muitas vezes, notadamente em *Tombeau de Romain Gary* (1995)<sup>6</sup>. Escrito na intimidade da segunda pessoa, este livro/celebração desvela, mesmo sem a autora conhecê-lo, o escritor nômade e apátrida, o grande artista e o homem.

Não é diferente a complexidade da personagem do último ensaio. Os detalhes perturbadores da vida da personagem se desdobram durante os meses de busca nos arquivos da Biblioteca Nacional de Berna, os «Fonds Grisélidis Réal», que contêm inédito e vasto material, inexplorado ainda, condensação do percurso da artista e farta fonte de pesquisa. Esse trabalho revela próximo ao rotineiro da romancista na abordagem de seus múltiplos personagens em suas complexidades lógicas e psicológicas. Eis então que surge o percurso biográfico de Grisélidis, demarcando-se por uma profunda admiração da romancista canadense.

Nascida em Lausanne (1929), entre as duas guerras, Grisélidis tem origem na média burguesia protestante e culta. Ingressou na Escola de Artes e Ofícios de Zurique, aos vinte anos formou-se, antes de casar, em 1950. Divorciou-se, deu à luz entre 1952 e 1959 quatro filhos de três pais diferentes. E então fugiu para Munique. Seu nome, herdado de um poema-conto de Charles Perrault, “La patience de Grisélidis”, publicado em 1697<sup>7</sup>, remete à pequena pastora, submissa aos jogos perversos de um príncipe malvado. Ao desdobrar-se, o destino trágico da vida de Grisélidis leva a pensar node Fantine, personagem do romance *Les misérables*, de Victor Hugo (1862), que se torna prostituta. Geograficamente mais próxima, a paulista Aurora Cursino dos Santos (1896), também supliciada por um casamento frustrado, prostitui-se nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O sobrenome Réal (real), condensação do percurso da artista, permite o jogo de palavras, dependendo de cada idioma. Pode-se entender *royal* (de realeza) na língua dos ancestrais italianos de Gris, enquanto na língua de Nancy seria *réel* (de realidade). Real foi também uma moeda

<sup>4</sup> Entretien avec Nancy Huston, autrice de *Reinedurée* - *Lettre à Grisélidis Réal* / QWERTZ / 32min. / le 7 avril 2022.

<sup>5</sup> Lê-se na orelha do livro: “La collection “Les Affranchis” fait cette demande à l’auteur, à l’autrice: écrivez La lettre que vous n’avez jamais écrite”.

<sup>6</sup> Cf. HANCIAU, Nubia. O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary. *ALEA*, v. 6, n. 1, p. 180-185, jan./jun. 2004.

<sup>7</sup> “La patience de Grisélidis” ou “La marquise de Salusses”, conto extraído dos *Contes de mamère* l’Oye, livro publicado em 1697, reeditado por Soleil de Poche Editions, em 2013. Contém ilustrações de artistas contemporâneos que propõem uma visão moderna e criativa dessas fábulas de mais de três séculos. No conto tradicional, retomado por Charles Perrault, Grisélidis é o emblema da paciência, da tolerância e da submissão, ao que N. Huston acrescenta a passividade, a fraqueza, a ingenuidade, supostamente femininas.

utilizada durante séculos na Espanha, o que faz sentido se considerarmos o caos de sua vida familiar, as dificuldades financeiras e a miséria que essa mulher enfrentou, bem evidentes na ardente missiva que a escritora lhe dirige.

Fugida do ambiente burguês, calvinista e rígido onde nasceu, a vida livre que Grisélidis leva é marcada por múltiplas histórias com homens violentos, dezenas de milhares de relacionamentos pagos, abortos espontâneos. Apesar disso, esse comportamento é restrito a uma determinada época de sua vida, devido à “fraqueza feminina”, tendência que ela supera por meio do que denomina “revolução” – movimento das prostitutas ocorrido na Suíça, nos anos 1970.

Ao mesmo tempo em que N. Huston presta vibrante homenagem à “mais famosa das prostitutas de Genebra”, ela encontra ecos de sua própria carreira de mulher artista ao pesquisar correspondências, poesias e histórias. São vários os pontos em comum que ocupam há muito tempo seus ensaios e romances, apesar de não ter conhecido Gris, que nasceu vinte e quatro anos antes dela e faleceu em 2005, aos setenta e cinco anos. Como ela, Nancy cresceu com o abandono da mãe, experimentou a raiva resultante que se tornou combustível indescritível: a raiva de Gris contra a mãe corresponde à mesma de Nancy contra a sua, tornando-se fonte indefinidamente renovável de energia literária, “petróleo puro” para derramar no motor da criação.

Quando nasceram, os respectivos pais eram jovens, belos, simpáticos: o de Nancy, gênero Frank Sinatra, o de Gris, tipo Rudolph Valentino; estudioso, o de Nancy era professor de matemática e de física; o de Gris, conhecedor do grego antigo; filhas mais velhas, elas eram apaixonadas por eles, mas logo aconteceu o que Boris Cyrulnik denomina “maravilhoso infortúnio”, a arte de se adaptar às situações adversas (resiliência), acontecimento sem o qual a vida de ambas teria, sem dúvida, permanecido nos trilhos da banalidade, e, certamente, elas não teriam feito, nada além do ordinário. Cabe lembrar que a mãe de Nancy partiu quando ela tinha apenas seis anos; quando Gris tinha oito faleceu seu pai. Catástrofes que as conduzirão à revolta, a rejeitar o meio em que viviam, a assumir riscos, a colocar-se em perigo, a posar nuas, a abusar de certas substâncias, a fazer desconhecidos gozarem, a aceitar violências.

Mais do que poeta extraordinária, Gris foi rebelde, corajosa. À luz desse destino, fonte de escritura que tanto fascina Nancy, ela alimentará seus sonhos, questionará sua própria sorte, a relação com a mãe, com os homens, com o perigo. Nancy identifica-se com Gris quanto ao conteúdo, ao estilo, ao vocabulário, e ainda quando esta vê em espírito as criaturas que materializa em suas pinturas. A romancista nunca deixou de explorar em sua obra, sem nenhum pudor, a verdade das relações humanas, do corpo, do envelhecimento. *Dolce agonia* (2001), *Marcas de nascença* (2006), *Dansenoire* (2013), *Lèvres de pierre* (2018), para citar apenas alguns, abordam esses temas<sup>8</sup>. A admiração por Grisélidis não foi imediata, porém. Engajada nos movimentos feministas, inicialmente Nancy nela encontra a caricatura da prostituta de coração grande, fantasma de uma feminilidade que torna as mulheres objetos, e que ela faz questão de rejeitar.

Eu te odiei por muito tempo, Gris. Diziam que tu concordavas com tudo o que os homens te pediam. Parecia que não tinhas nenhum problema em incorporar a fantasia deles: a prostituta de coração grande, a que gosta, a que entende os cavalheiros e nunca os julga, a que aceita tudo e qualquer coisa com um sorriso (2022, p. 12).

Desnecessário ser exegeta para compreender a si-mesma com perfeição, constata a missivista, para quem até hoje não falta malícia para enfrentar certas militantes contemporâneas, para ela na luta errada. O tempo fará seu trabalho, alguns encontros serão decisivos para que Nancy compreenda Gris, o que deve ao teatro. Foi em Avignon, em 2017, que Coral y Zahonero, secretária da Comédie-Française, interpretou o papel da pintora, escritora e prostituta sublime e

<sup>8</sup> Resenhas dessas obras, sob minha autoria, se encontram na revista *Interfaces Brasil/Canadá*. Disponível em: <https://periódicos.ufpel.edu.br>.

excepcionalmente talentosa. Uma multidão foi ver a peça, escrita, dirigida e interpretada por Coraly. Com Hélène Arntzen no saxofone (Nancy dedica às duas sua *Lettre...*) e Floriane Bonannino violino, a atriz dá voz à uma mulher de destino e temperamento fora do comum. A complexidade da personagem, que inventa para si o papel exagerado de “Cleópatra da calçada” (potente arquétipo, com imagens de serpentes, gatos, libélulas), conduz o espectador aos relacionamentos amorosos da rainha do Egito com homens poderosos (Júlio César, Marco Antônio), ela que foi famosa não apenas por sua beleza e inteligência, mas por representar qualidades que muitos admiram e aspiram: independência, coragem, autoconfiança, habilidade de manipular as situações a seu favor. “Grisélidis” conta o primeiro *trottoir*<sup>9</sup>, a miséria.

Homens. Por que eles vêm vê-la? O que procuram em seus braços? O que esperam dela? Felicidade não, também não vêm fazer amor, às vezes até pareceria briga, outras vezes violência mesmo. Muitos querem se vingar em uma prostituta, e estes podem ser perigosos. Há que saber fazer, redobrar a ternura ou a firmeza. As prostitutas, para Gris, devem acolher os homens que não têm mulher, homens educados no proibido, tomá-los em seus braços. É preciso entendê-los. Para chegar a tanto ela não é mais a mesma, é a outra, coloca-se na pele dos outros, ama essas pessoas que, por um tempo, tornará livres. É o conforto que esses homens buscam, do anão corcunda ao bom pai, passando pelo trabalhador imigrante. Ela acolhe a todos, indistintamente, pratica a prostituição com humanismo. Mas há as manhãs... depois de longa noite de trabalho concluída, quando se olha no espelho, não reconhece mais seu cheiro, nem o material de que é feita; é quando experimenta a sensação de que tudo lhe foi tirado, e o enjoo: “Não sei mais quem eu sou!” Apesar de tudo, a despeito dos obstáculos do caminho, de uma ponta à outra, Gris teve uma vida iluminada pela arte e pelo ativismo em prol das profissionais do sexo, debate complicado este, que contrapõe feministas e prostitutas.

Em 2002 Grisélidis foi diagnosticada com câncer. Mas, sua filosofia não muda: rir-se sempre, dos colapsos, dos esgotamentos, da decrepitude, nunca ceder, apesar do martírio: “Não se pode renunciar apesar de tudo... Sem amantes, sem cães... e para completar, SEM VINHO? Ah, não, convenhamos, não precisa exagerar”<sup>10</sup>. No final os poemas brotam um atrás do outro. Dois anos antes de sua morte, em 2003, a amiga Françoise Courvoisier edita alguns deles em *À feu et à sang* (*A fogo e a sangue*), para N. Huston uma das coletâneas de poesia mais percutantes de nossa época.

Tocada pela abundante correspondência de Grisélidis Réal, Nancy Huston empenhou-se para que sua desconhecida poesia fosse publicada na íntegra, o que foi feito pelas edições Seghers, sob o título de *Chair vive* (*Carne viva*), história que mais tarde se tornará o livro de sua vida: *Le noir est une couleur* (*O preto é uma cor*). Único romance, nele a verdade das relações humanas é explorada paradescrever as violências sofridas nas mãos dos vários amantes, muitas vezes na frente dos seus filhos.

Três semanas antes de morrer Grisélidis escreve sua última aprovação à vida: “Digo SIM. Digo sim à pálida aurora, aos pássaros adormecidos ainda, sim às flores, à grama, à terra, à luz do dia. Sim às lágrimas, à dor [...]. O CÂNCER também pode ser visto sob um outro ângulo, diferente de uma doença mortal que nos destrói. É um revelador que o coloca diante de outra imagem evidente de si mesmo”<sup>11</sup>. Dias mais tarde escreverá: “Sim, eu sou muito feliz neste momento de

<sup>9</sup> *Trottoir*, calçada, em francês; caminhar das prostitutas à espera dos seus clientes. Em alemão, “andar na calçada” significa literalmente “andar na linha”; na prostituição, “andar em equilíbrio nessa linha de dor”.

<sup>10</sup> “On ne peut tout de même pas renoncer à tout... Plus d’amant, plus de chien... et par-dessusle marche, PLUS DE VIN? Ah non, tout de même, il ne faut pas exagérer” (p. 148).

<sup>11</sup> “Je dis OUI. Je dis oui à cette aube blafarde, oui aux oiseaux encore endormis, oui aux fleurs, à l’herbe, à la terre, à la lumière du jour. Oui aux larmes, oui à la douleur [...]. Le CANCER peut être vu aussi sous un autre angle qu’une maladie mortelle qui nous détruit. C’est un révélateur. Il vous place devant une autre image évidente de vous-même” (p. 150).

êxtase e de graça. Sim, muito feliz... encontra-se felicidade em todos os lugares, principalmente sem procurá-la!”<sup>12</sup>

Depois de desconhecê-la, de tê-la mal-amado durante muito tempo, Nancy Huston vem dedicar – a quem chama de condenada, romancista, militante, mãe, amante, amiga, pintora e poeta – reconhecimento e admiração imensos. Nesse sentido, retira Grisélidis Réal do terreno da infâmia, dando a ela uma luminosidade que explicita os impasses de sua história, passando a considerá-la um dos seres humanos mais lúcidos, alegres, generosos e corajosos a ter pisado a superfície do planeta, e a proclama, sem nenhuma ironia, *Reineduré El (Rainha do real)*.

Obras de G. Réal:

“Le Chevalnuage”, conte illustré (1950) (Éd. l’œil pour l’œil, 2016).

*Le Noir est une couleur* (Éd. Balland, 1974; Éd. d’enas, 1989; Ed. Verticales, 2005).

*La Passe imaginaire* (Éd. del’Aire/Manya, 1992 - Éd. Verticales).

*À feu et à sang*, recueil de poèmes (Éd. Le Chariot, 2003).

*Carnet de bal d’une courtisane* (Éd. Verticales, 2005).

*Les Sphinx* (Éd. Verticales, 2006) 4 © J.-D. Rouiller.

*Suis-je encore vivante?* Journal de prison (Éd. Verticales/phasedeux, 2008).

*Mémoires de l’inachevé (1954-1993)*, textes réunis par Yves Pagès (Éd. Verticales, 2011).

Sobre N. Huston:

Nancy Huston passou a infância no Canadá, a adolescência nos Estados Unidos e a vida adulta na França, atualmente com temporadas na Suíça. Sua vasta produção é escrita tanto em francês quanto em inglês, em vários gêneros: romances, ensaios, literatura infantil, roteiros, música e teatro. Entre os romances, além dos citados, destacam-se: *Instruments des ténèbres* (1996), *L’empreinte de l’ange* (1998, Prix des Lectrices de *Elle*), *Lignes de faille* (2006, Prix Femina e France Télévisions), *Rien d’autre que cette félicité* (2021), *Arbre de l’oubli* (2021).

<sup>12</sup> “Oui, je suis très heureuse en ce moment d’extase et de grâce. Oui, très heureuse... on trouve du bonheur partout, et surtout sans le chercher!”.